



Alberto Klein

**o palhaço
e o meteorito**



SYNTAGMA

Coisas absurdas podem acontecer. Teve gente que já levou dois raios na cabeça e tá vivo pra contar sua história. Então, por que não contar uma história cheia de acontecimentos inverossímeis que se concentram num pequeno recorte de tempo em uma ilha insólita chamada Borá? Afinal, são os eventos fantásticos que dão gosto à vida. Entretanto, podem ser catastróficos. *O Palhaço e o Meteorito* é uma ficção política metida à besta. Porque nada do que ali acontece poderia de fato acontecer.

Será?

Quando voltamos os olhos ao Brasil dos pandemônios de 2018 pra cá, é a realidade que se atreve num gênero próximo ao realismo mágico.

Boa leitura.

Alberto Klein





Alberto Klein nasceu na pequena cidade de Tupi Paulista (SP) e vive em Londrina (PR) com sua esposa e dois filhos adolescentes. Já tem a sola do pé bem vermelha. É professor da UEL, onde dá aulas nos cursos de Jornalismo, Relações Públicas e no mestrado em Comunicação. Desde criança pensou em ser muitas coisas, jogador de futebol, sorveteiro, menos professor e escritor. A vida prega muitas peças.

Capa > Sara Restier

Diagramação > Syntagma Editores

Coordenação Editorial > Hertz Wendell de Camargo

Revisão > Josemara Stefaniczen

Produção Eletrônica > Syntagma Editores

Conselho Editorial

Dr. Antonio Lemes Guerra Junior (UNOPAR)

Dr. Aryovaldo de Castro Azevedo Junior (UFPR)

Dra. Beatriz Helena Dal Molin (UNIOESTE)

Dr. José Ângelo Ferreira (UTFPR-Londrina)

Dr. José de Arimatheia Custódio (UEL)

Dra. Pollyana Mustaro (Mackenzie)

Dra. Vanina Belén Canavire (UNJU-Argentina)

Dra. Elza Kioko Nakayama Murata (UFG)

Dr. Ricardo Desidério da Silva (UNESPAR-Apucarana)

Dra. Ana Claudia Bortolozzi (UNESP-Bauru)

Dra. Denise Machado Cardoso (UFPA)

Dr. Marcio Macedo (UFPA)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

K64 Klein, Alberto.
O palhaço e o meteorito. / Alberto Klein. Londrina: Syntagma Editores, 2022.
Primeira edição.
196 p. 23cm

ISBN: 978-65-88724-24-8

1. Literatura. 2. Romance. 3. Ficção. 4. Cultura. I. Título. II. Klein, Alberto.

CDD: 800
CDU - 82 / 82-311



SYNTAGMA

Syntagma Editores Ltda., Londrina (PR), 31 de janeiro de 2022.
www.syntagmaeditores.com.br

Agradecer

O processo de criação deste livro foi acompanhado de perto pelos amigos Daniel Menara, José Maschio e Marcelo Silveira, que deram sugestões decisivas para sua concretização. O Marcelo ainda fez uma revisão atenta na base da camaradagem. A estes três tenho uma dívida eterna que será paga em litros. Meu muito obrigado aos queridos de casa, Tânia, Mateus e Maju, pela paciência, tolerância, amor. E por existirem.



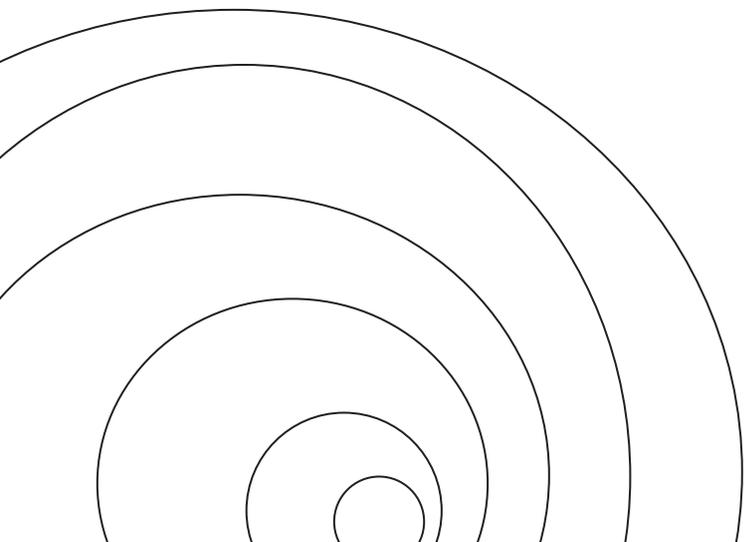
*Todos os personagens existem.
Têm carne, osso, uma história e um de vir.*

Sumário

Prefácio

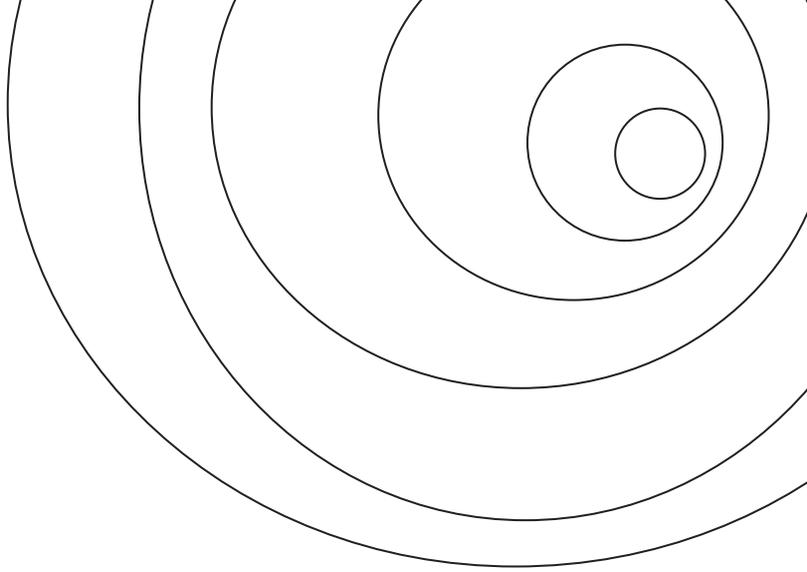
José Maschio

13

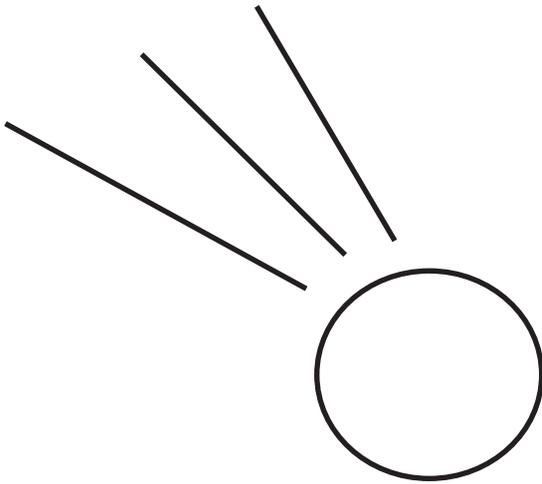


1	O meteorito	17
2	O palhaço	21
3	Jones	27
4	Flash	33
5	Mirna	37
6	Mirna/Jones/Moça	43
7	No não tempo	53
8	O palácio	57
9	Uma questão de ângulo	65
10	Quando as águas baixaram	77
11	P.U.S.A.	81
12	Jones não esperava que...	87
13	O primeiro espetáculo	101

14	<i>A bola vermelha</i>	107
15	<i>O credo</i>	113
16	<i>Carménère e macarrão instantâneo</i>	119
17	<i>A aula</i>	127
18	<i>A panfletagem</i>	133
19	<i>O contágio</i>	139
20	<i>O esgoto</i>	147
21	<i>A praça</i>	151
22	<i>O protesto</i>	159



23	<i>No porão</i>	165
24	<i>A digestão</i>	173
25	<i>Um vento</i>	177
26	<i>Figuras de linguagem</i>	181
27	<i>Devorações</i>	185
28	<i>Uma imagem cheia de tinta</i>	189
	Epílogo	193



Prefácio

Logo no início de *O Palhaço e o Meteorito* o autor nos alerta. Todas as personagens existem. Aí você começa a leitura e se depara com o mais tradicional realismo mágico. Personagens inverossímeis como Groto, de um país igualmente inverossímil: Borá. Está de brincadeira Alberto Klein com seu alerta?

À primeira leitura parece ser essa a intenção do escritor. Mas... Espere aí. Levante os olhos do livro. Olhe em volta. Perceba. Percebeu? Pois é, personagens comuns, com os quais nos deparamos no cotidiano, estão aí. Só de pirraça do autor. Para lembrar que ele escreve a verdade. As personagens existem.

O Groto, retirado de um ser mítico emergido das enchentes de Roma em 1495, está aí para nos alertar que as notícias falsas sempre existiram. Ou não foi *fake news* (para usar o termo da moda das redes sociais) o uso desse ser mítico por Martinho Lutero? Lutero queria provar sua teoria do anticristo.

Em Borá, o monstro Groto está a filosofar. Uma analogia clara com certo astrólogo de terras tupiniquins e sua filosofia barata. O

mais estarrecedor: como em Borá, em terras *brasilis* essa monstruosidade tem seguidores. E como não ver semelhanças entre o Palhaço e um presidente eleito pelo medo?

E o que parece ser realismo mágico, literatura fantástica, cada vez mais *O Palhaço e o Meteorito* mostra a realidade à nossa volta. Como as senhoras hipócritas e moralistas a ditar normas e condutas. Ou o jornalista, tecla de aluguel, que vende seus ideais da juventude por um salário.

Mais real ainda é a feminista a conviver com um extremista de direita. Quem não conhece situação semelhante? É só olhar os grupos de *whatsapp* para comprovar que de perto, tudo é muito diferente. E medonho.

Definitivamente. À medida que a leitura da obra de Klein se aprofunda, mais concluímos. Borá existe. E acredite, é logo ali. Opa! Desculpe. Borá é logo aqui. Uma grande analogia da nossa condição humana. É isso o livro de Alberto Klein.

Klein escancara, em seu primeiro livro de ficção, o nosso retrocesso civilizatório. Nossas mazelas e ignorâncias sociais. Mas Klein é um otimista. Quase a nos consolar desse retrocesso civilizatório. Como se o escritor nos dissesse. Calma, crianças. Tudo vai passar.

Não sei se posso concordar com o otimismo do autor. Mas uma certeza existe. A literatura brasileira ganhou um belo literato. Klein escreve fácil e dialoga o tempo todo com quem o lê. É esse papo direto que nos prende na leitura.

Klein é uma grata surpresa como escritor. Sua incursão pela ficção nos deixa a convicção que a literatura brasileira ganha um novo e belo nome. Sem que a Academia, de onde é egresso Klein, perca seu talento como teórico da comunicação. Aproveite.

José Maschio

Primeira Parte

DEVIRES

*Não há nada que não seja plausível,
inclusive o fato de eu e você existirmos.*

Tobe Elink

1

O meteorito

A história que contarei parece cheia de eventos e personagens pouco plausíveis, semelhante a um conto de fadas. Devo admitir que há muitas razões para isso.

Contudo, fenômenos naturais incomuns, criaturas nunca antes vistas, indivíduos absurdos, longe de serem raros, são observados com relativa frequência em muitos lugares, considerando a distância espacial e temporal entre eles. Se, entretanto, as coisas fantásticas convergirem num pequeno espaço, num breve recorte de tempo, veremos nossos pés se descolarem do chão.

Vamos à história.

Não era maior do que uma bola de basquete. Sua velocidade de 180 metros por segundo, ao atingir o solo, fez Borá naquele início de manhã chacoalhar. O encontro entre o meteorito e aquela ilha insignificante mudaria definitivamente sua história, causando estupefação e assombro em proporções planetárias.

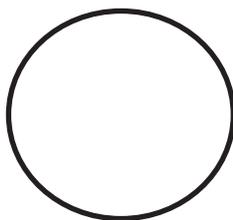
Meteoritos caem todos os dias em algum lugar da Terra. Mas o incidente que vou narrar é mais insólito do que dois raios atingirem a mesma cabeça. O bólido em questão tocou o solo na latitude $10^{\circ}10'59''\text{S}$, longitude $48^{\circ}20'1''$, o ponto central daquela ilhazinha que tinha a forma de um círculo quase perfeito. Abriu uma cratera, além de escombros da edificação que ali havia. Assim, Borá ficou com um buraco no meio, que a 500 metros de altitude em nada se parecia com uma boca, o sentido original de seu nome na língua nativa, mas um imenso orifício anal.

Borá era a boca que devorara todas as coisas, de acordo com as histórias de seus antepassados, o que explicava tamanha diversidade de plantas, animais, cores, paisagens, pessoas e outras criaturas que habitavam míseros 100 km^2 de terra. Um país improvável e desimportante, perdido no globo terrestre. Para os moradores da ilha, Borá ficava no centro do oceano, coincidindo também com o centro do planeta. Dado que o planeta é esférico, eles estavam redondamente certos.

Mas a natureza insólita do incidente seria esquecida em alguns anos não fosse a obsessão de um palhaço de fixar sua residência no que era agora um grande buraco contornado por destroços de concreto e ferro retorcido. Sua cama estava ali, e ele dormia quando o bólido tocou sua barriga antes de seu corpo se desintegrar totalmente. Não se tratava de um palhaço qualquer. Era o presidente de Borá.

O palhaço tornara-se presidente havia dois anos, e à época de sua morte, sua popularidade era questionável. Dos 500 mil habitantes de Borá, podia se contar os que o apoiavam fervorosamente. Quase todos, contudo, estavam no topo da pirâmide econômica. O excesso de palhaçadas havia cansado uma ilha que não saía do lugar. A porção de comida no prato diminuía. Só não faltava

quebra de decoro, o que seria suficiente para afastá-lo do cargo. Ainda assim, o Colégio dos Juízes fazia vistas grossas. Tinha muito medo do temperamento explosivo do palhaço e do fanatismo de seus poucos seguidores.



2

O palhaço

Quem o via com máscara e maquiagem ignorava totalmente sua infância, ou melhor, não sabia qual daquelas crianças, que se juntavam na rua pra jogar bola, num passado idílico, teria sido o palhaço. Desde os 18 anos, depois que começou a trabalhar no circo, nunca fora visto sem a bola vermelha no nariz, as sobrancelhas ressaltadas e o cabelo laranja com as laterais volumosas. Qual daqueles pirralhos era o palhaço? Ninguém sabia e ninguém ousaria perguntar-lhe publicamente ou em segredo.

Toda máscara é uma imagem projetiva. Ela vampiriza desejos e alucinações. Pela máscara o gesto de loucura se perdoa. Encarna-se um outro. Uma sombra. O irrefreável. Mas o que acontece depois, ao limpar a maquiagem diante do espelho? Enfrenta-se o peso do real e a gravidade da dor. A faca que atravessa o abdômen pode ser tão fantástica quanto uma bola vermelha de nariz, se diante do espelho, a máscara perdurar. A máscara lhe serviria

tempos depois como uma catalisadora de desejos da massa. Um salto nas pulsões mais reprováveis, uma vontade sem pudor, lúdica, como se pudesse matar sem culpa, matar sem razão, matar alegremente. A máscara podia ser o caos em latência.

Sua passagem pelo circo pouco durou. O Palhaço não tinha a menor graça. Seu papel circense se resumia a ser projétil humano. Era arremessado por um canhão sobre uma rede. Sua única tarefa era esticar as pernas e abrir os braços com estilo. Embora, muito se esforçasse em agradar a plateia, nunca fez uma parábola perfeita e estilosa. As pernas não se alinhavam e os braços balançavam, o que era motivo de constantes reclamações por parte do canhoneiro, o melhor trapezista local, emprestado a este papel coadjuvante. O Palhaço estava longe de ser a atração principal. Seu número estava enfiado entre as atrações populares do equilibrista e do domador de feras, enquanto o cenário era substituído.

Um dia, o canhoneiro, faltando pouco para entrar no palco, exibiu ao Palhaço a pose perfeita: pés esticados, pernas coladas uma à outra, peito estufado, barriga pra dentro e os braços ao alto. Daria um voo magnífico. Mas o que recebeu foi um soco na cara, ao invés de um “obrigado”. Antes que pudesse revidar, as cortinas estavam abertas e o público aguardava em silêncio o que viria. O Palhaço se acomodou no cano. O canhoneiro acertou o ângulo como sempre, mas rapidamente mirou um pouco mais acima e antecipou o tiro. O palhaço fez seu voo mais desengonçado. Beijou a lona de cima e estatelou-se no picadeiro. Duas costelas quebradas. Uma semana depois, um projétil voaria em direção à testa do canhoneiro e um incêndio acabaria com o circo e a vida dos dez artistas que lá viviam. Só o Palhaço sobreviveria porque ainda se encontrava em recuperação do acidente. Esta era a história oficial.

Pois, foi justamente em nome da alegria e da memória do circo que o Palhaço se lançou candidato a representante do Conselho de Borá. E lá esquentou a cadeira por trinta anos. Foi assim, ficando, se reelegendo. Nesse período, sua plataforma tomou um rumo muito claro.

Pouco a pouco, a alegria do circo deu lugar a um projeto de ódio, o grande motor de sua vida. Definir inimigos e eliminá-los. Impedir que eles virassem de ponta-cabeça aquela pátria tão amada. Armar a população contra eles. Sim. Pistolas, fuzis, balas, bombas, metralhadoras. Todos conheciam os tipos de armas e seus fabricantes, porque o Palhaço conseguia com o absurdo dos seus discursos chamar a atenção da mídia local e pautar seus desatinos.

Salto ousado. Parábola perfeita. Campanha presidencial.

— Cidadão de bem de Borá, ninguém aguenta mais esses corruptos. Vou explodir todos eles. Nossa pátria amada vai se alinhar ao grande país do continente. Vamos modernizar a ilha. Borá será próspera. Todos sabem que nossas reservas possuem zircônio — fala pausada, sílaba por sílaba.

— Borá... Borá...

O alinhamento com o grande país do continente e a exploração do zircônio hipnotizaram os olhos e os bolsos dos empresários locais.

Mas o que salivava os espíritos mais sombrios era o acesso fácil às armas.

Arma na mão e dedo no gatilho. Todo cidadão de bem, em defesa da pátria, teria direito a uma pistola e munição, a preços módicos e sem necessidade de licenças. O que é uma arma senão um fetiche? O metal duro empunhado por machões frustrados. Uma sensação ilusória de poder. O inimigo na mira e seu

destino ao alcance do dedo indicador. O Palhaço caiu nas graças de homens velhos, brancos, atormentados constantemente pela iminente perda da potência sexual. Homens que encontraram no exercício do ódio seu prazer e, em alguns casos, seu ofício sagrado. Mas a quem odiar? Os comunistas, os yumi, povo do sangue sujo. Seja quem tivesse muito ou pouco desse sangue, a equação do ódio era a mesma.

Pois, naquela fatídica manhã, o meteorito parecia concentrar todo o ódio do universo caindo a 180 metros por segundo sobre a barriga do Palhaço em seu leito presidencial. A última coisa que o Palhaço sentiu em 0,001 segundos foi uma pedra queimando sobre seu estômago. Depois, o nada.



3

Jones

Um mês depois do incidente, Jones ainda digeriria mal o que acontecera. Um meteorito cair no centro da ilha e matar o Palhaço era algo tão aleatório quanto bizarro. O episódio teve repercussão planetária. Astrônomos calcularam a probabilidade. Virou até problema de matemática nas salas de aula do continente; mas não em Borá, obviamente. Memes abundaram. GIFs, animações e piadas vazavam as cercas da censura boraliana e faziam a festa dos adolescentes da ilha.

Sete da manhã e Jones estava há meia hora acordado. Ainda na cama. Não lhe saía da cabeça as cenas do dia zero do meteorito. Ele havia se dirigido ao centro da ilha depois do chacoalhão, orientando-se pelo burburinho das ruas. Tijolos, concreto e uma cratera. Era ali a casa presidencial. A polícia já isolava a área. Uma massa de gente em volta em um estranho silêncio, como se o meteorito houvesse arrancado a língua de todos. Jones cami-

nhava e observava sem acreditar. No dia seguinte, o Palhaço foi dado como morto, embora seu corpo nunca tenha sido encontrado. Seguiu-se um funeral com um caixão vazio.

Jones pôs os pés no chão. Pingou a solução nasal e puxou o ar. Respirava melhor. Banheiro. Cozinha. Quando a cafeteira metálica apitou, sentiu o aroma mágico que esvanecia por segundos todos os problemas. O dia começava com café forte, sem açúcar, depois do primeiro gole. Há dez anos era este seu hábito mais forte. Nos últimos dois, não tomava seu café sem deslizar os dedos pelo celular. Nesta manhã, o celular ficou esquecido na cômoda ao lado da cama.

Olhava pro nada com a caneca cheia na mão. Estava perdido. Normalmente, encontraria Leon, seu chefe no gabinete de informações do governo. Era terça-feira, dia de discutir pautas com Leon. Só o tinha visto mais uma vez, e nada fizeram senão compartilhar a surpresa sobre o meteorito e o futuro incerto do tal gabinete.

Jornalista por formação, Jones acumulava experiência como repórter no principal diário da ilha. Sentia-se pouco prestigiado pelos donos do jornal quando recebeu o convite de Leon, ex-colega de faculdade, para integrar um gabinete de informações do governo. Concretamente, o escritório se resumia a eles dois. Todo o governo do Palhaço se bifurcava em medidas chanceladas oficialmente e atos officiosos, oriundos de grupos paralelos. De lá escorriam informações, projetos e ações que circulavam nas bordas da institucionalidade. Jones tinha salário e uma atribuição de fachada na secretaria de comunicação do Governo, mas nunca pisara lá depois de assinar seu contrato.

Jones não nutria simpatias pelo Palhaço. Muito pelo contrário, havia votado no candidato perdedor. Mas sua inconstância

para assuntos políticos, a grana e a possibilidade de fazer algo mais relevante o convenceram a aceitar a empreitada.

Não demorou para que ele percebesse seu novo ofício como uma missão. Estava profundamente empenhado em desenvolver conteúdo para redes sociais exaltando o zircônio. De fato, passou a acreditar que a extração responsável do minério e sua exportação pudessem transformar a realidade social da ilha. Havia dois enormes “poréns”: a maior parte da reserva de zircônio, acreditava-se, fazia parte de uma área demarcada para os yumi, descendentes dos ancestrais da ilha. Cabia então a Jones e Leon coordenar uma campanha de informação, orientada para redes sociais, a fim de convencer a população de que o futuro de Borá dependia da exploração do metal, nem que, para isso, fosse necessário realocar a reserva. O segundo “porém” tinha a ver com a aplicação do minério, revestimento metálico de reatores nucleares. Jones nem imaginava que o grande país do continente anunciaria anos depois o fechamento de suas usinas nucleares mudando sua matriz energética. A exploração do zircônio se tornaria praticamente dispensável. A fé naquele metal esbranquiçado foi diluindo-se pouco a pouco, à medida que a história tomava rumos imprecisos e os dias de Jones se tornavam erráticos.

O Palhaço era um louco, sim, e Jones sabia muito bem. Mas, a obsessão pelo Zircônio, sabe lá qual cientista soprara nos ouvidos daquele candidato improvável se justificava. Fazia sentido. Pensava com a caneca na mão. “Que merda isso!”, disse a si mesmo. O zircônio era a gota metálica de racionalidade naquela cabeça caótica do presidente. Jones não apenas se convencera da importância de seu trabalho quando assumiu a tarefa, mas a ideia gradativamente tomou para ele uma outra dimensão, uma espécie de esperança, uma promessa de redenção, que colocaria

Borá onde nunca esteve, no mapa. Por isso, só por isso, valeu a eleição daquele maluco. Dois anos depois, o meteorito botaria um fim no palhaço e, principalmente, em sua missão naquele gabinete que oficialmente nunca existira.

A aleatoriedade dos eventos cósmicos enterrava um sonho. Tão incerto. Tão improvável. Jones imaginava no branco da parede, quantos dados, lançados ao mesmo tempo, dariam 6. Mil? Mais? O meteorito o desafiava. Acaso? Ou alguma mão celestial magnetizava os dados e fazia o jogo sujo nessa roleta de incertezas aparentes? Um meteorito arremessado por uma mão divina. Strike.

Enquanto Jones perambulava entre a teoria do caos e o juízo final, ouviu a notificação sonora de seu celular. Foi aí que notou que o aparelho não estava ao seu alcance na mesa. Foi ao quarto, desbloqueou a tela. “Hoje, 21h, ‘lá’”. Não era Leon. Era Mirna. A mensagem instantaneamente lhe evocou aquela fragrância amadeirada. Suas mãos suaram.

Eram 7h32, dia de número 30 pós-meteorito.

